

GESTÇÃO, ADOLESCÊNCIA E VÍNCULOS FAMILIARES

Amanda Carvalho Dias, FAPESP, Programa de Iniciação Científica, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Assis-SP, Brasil; Mary Yoko Okamoto, Psicologia Clínica, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Assis-SP, Brasil.

Contato: amanda_dias26@hotmail.com

RESUMO

É recente a ideia de gestação como fenômeno natural das mulheres adultas, visto que antigamente a partir dos 14 anos as meninas seriam consideradas velhas para gestar e criar um filho. Assim, deve-se levar em conta quando se discute gestação e adolescência que ambas são vividas de diferentes formas em cada contexto social e cultural, com isso a gravidez entre as adolescentes pode ser um desejo – consciente ou não, e não apenas ser vista como não desejada. Dessa forma, essa pesquisa teve o objetivo de verificar na história de vida de gestantes adolescentes elementos que nos possibilitassem compreender o desejo da gestação e o lugar ocupado pelo filho no imaginário materno e problematizar quais os ideais de ego familiar são constituídos em torno da filiação e de que modo estão sendo construídos na vida das gestantes. Para atingir os objetivos foram realizadas entrevistas com seis adolescentes gestantes atendidas pelo Serviço Público de Saúde do município de Assis-SP e, posteriormente, confeccionadas Linhas do Tempo Familiar (LTF) com cada uma delas. A análise dos resultados, feitas a partir da transcrição das entrevistas e compreensão das LTFs, possibilitou que compreendêssemos a gestação com uma possibilidade de preenchimento e de dar um significado a uma vida vazia de conquistas pessoais. O filho e a família que será constituída significam status para essas meninas, que agora se tornarão mulheres. Conclui-se assim que existe nas adolescentes o desejo pela gravidez e todo o universo que traz esse período da vida para as mulheres, não sendo somente um descuido ou algo indesejado, necessitando assim de maiores discussões sobre o tema, que muitas vezes estigmatiza e despotencializa tais pessoas.

PALAVRAS-CHAVE: Maternidade. Filiação. Psicanálise.

XVII Semana de Psicologia da UEM
IX Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em Psicologia da
UEM Saúde Mental: as Dimensões Políticas da Psicologia
24 a 27 de Outubro de 2016

Nesta pesquisa temos como objetivo verificar na história de vida das adolescentes gestantes elementos para compreender o desejo pela gestação e o lugar ocupado pelo filho no imaginário materno e, assim, compreender quais os ideais de ego familiar são constituídos em torno da filiação e de que modo estão sendo construídos na vida da gestante. Para isso devemos compreender a constituição dos vínculos familiares na história de vida da gestante; investigar a escolha do parceiro e o lugar ocupado pela gestação e maternidade nas histórias de vida investigadas e; ter acesso às possibilidades de constituição de projetos e ideais nas vidas das gestantes.

A gestação na adolescência é um assunto bastante abordado nos dias de hoje, porém, podemos notar que os discursos acerca deste tema sejam rodeados de moralismo e reducionismo. É de extrema importância que possamos pensar nos motivos que levam as adolescentes a escolher por uma gestação nesse período da vida em que se encontram e na possibilidade de uma maternidade vivenciada como desejada e plena de significados positivos (Santos, 2011; Silva, 2014).

Para isso, é imprescindível que possamos nos dedicar aos estudos da gestação e da adolescência e, com esses, perceber o quão problemático seria tratar questões tão heterogêneas como períodos homogêneos. O caráter heterogêneo que a adolescência nos apresenta é permeado por fenômenos sociais, culturais, históricos, psicológicos e biológicos (Schoen-Ferreira, Aznar-Farias e Silhares, 2010; Queiroz e Rangel, 2008).

A maneira de vivenciar o período da adolescência depende não apenas de fatores relacionados à inserção histórica e cultural, como citados anteriormente, mas também de gênero e grupo social na qual estão inseridos. Serra (1997, p. 29) resumiu essa afirmação dizendo que “há diversos mundos e diversas formas de ser adolescente”, sendo complementado por Levisky (1998, p. 69) quando aponta que “ninguém só é aquilo que é. É se sempre o resultado de uma interação entre os aspectos próprios e os aspectos da relação que se estabelece com o outro e com o meio” (Schoen-Ferreira, Aznar-Farias e Silhares, 2010; Serra, 1997; Levisky, 1998).

A noção de gravidez na adolescência surgiu como um problema a partir da segunda metade do século XX, refletindo mudanças sociais, culturais, econômicas e demográficas desse período. A gestação na adolescência na década de 1960 era vista como problema de ilegitimidade, e foi na década seguinte que ganhou visibilidade

XVII Semana de Psicologia da UEM
IX Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em Psicologia da
UEM Saúde Mental: as Dimensões Políticas da Psicologia
24 a 27 de Outubro de 2016

como problema de saúde (Santos, 2011; Ferreira, Ferriani, Mello, Carvalho, Cano e Oliveira, 2012; Kreutz, 2001)

Podemos notar a falha da saúde pública quando os programas de prevenção à gestação são pensados a partir de uma visão controladora e repressiva da sexualidade. Esses programas ignoram o direito ao prazer e aspectos inconscientes e, por isso, não são suficientes. É comum encontrarmos gestantes que apesar do conhecimento e acesso aos métodos contraceptivos optam por não utilizá-los, mesmo quando não há desejo – consciente – de gestar. Além disso, quando usamos o termo “prevenir” associando-o ao campo patológico utilizá-lo diante da gestação torna-se ainda mais problemático (Queiroz e Rangel, 2008; Frizzo, Kahl e Oliveira, 2005; Falcão e Salomão, 2006).

A ansiedade sexual, a perda da segurança, a dificuldade em aceitar responsabilidades, a rebelião contra a autoridade paterna, a busca de aventura e a pressão exercida pelo desejo sexual pode ter mais importância do que a informação sobre métodos contraceptivos a fim de “prevenir” a gestação em adolescentes. Como sugere Dadoorian (2003, p. 90), “O canal que leva essa informação deve se abrir e se permeabilizar à complexidade do universo psicossocial dessas adolescentes, particularizando a significação da gravidez nesse segmento social”, ou seja, seria de grande valia dar voz para que essas meninas pudessem expressar quais suas fantasias quanto à gestação nesse período da vida (Silva, 2014; Dadoorian, 2003).

Algumas das críticas acerca da gestação na adolescência são baseadas em discursos de incapacidade fisiológica para gestar e psicológica para criar seus filhos. No âmbito social, as críticas se fundam nas consequências em função do nascimento de um filho neste período da vida – evasão escolar, dificuldade na manutenção e no ingresso empregatício das mães adolescentes e perpetuação da pobreza. Na área da saúde mental a gestação na adolescência é criticada devido à imaturidade emocional que a jovem possui para assumir a função parental (Aquino, Heilborn, Knauth, Bozon, Almeida, Araújo e Menezes, 2003; Gama, Szwarcwald e Leal, 2002).

De acordo com pesquisas, as consequências negativas de uma gestação na adolescência acontecem, na verdade, anteriormente à gestação, como a evasão escolar. Além disso, a pobreza costuma ser causa, e não consequência, de uma gestação nesse período da vida e seria mais coerente preocupar-se com a saúde da gestante e do bebê a partir desse viés do que pela idade da gestante. Com isso percebemos que se devem deixar um pouco de lado

XVII Semana de Psicologia da UEM
IX Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em Psicologia da
UEM Saúde Mental: as Dimensões Políticas da Psicologia
24 a 27 de Outubro de 2016

os fatores individuais que resultam em uma gravidez na adolescência e investigar, mais uma vez, os motivos sociais, visto que nas classes sociais menos favorecidas ser mãe e ter sua própria família pode significar *status* (Santos, 2011; Albuquerque-Souza, Nóbrega e Coutinho, 2012; Alves e Brandão, 2009; Dadoorian, 2003; Queiroz e Rangel, 2008).

A ideia de ser mãe para tornar-se mulher é amparada pela teoria freudiana (1931) quando este diz que a feminilidade é alcançada por meio da maternidade, pois o filho, como a representação do falo, será como uma extensão de seu corpo e trará a sensação de completude para a mulher e, por isso, o desejo de ter um filho – falo – é algo bastante forte no inconsciente feminino. Além disso, o desejo do falo possibilita a reconstrução do narcisismo infantil abandonado da jovem mãe (Freud, 1931).

É importante considerar que nem sempre uma gestação na adolescência tem como consequência o rompimento dos projetos de vida da jovem, podendo esta ser um projeto. Esse novo estado pode significar uma busca por reconhecimento e concretização de um projeto de vida. A gravidez na adolescência envolve fenômenos inconscientes de difícil explicação e exerce uma função diferente no psiquismo de cada uma das jovens mães (Dias e Teixeira, 2010; Silva, 2014; Levandowski, 2011).

É importante que saibamos que para que haja a gestação deve haver desejo de ambas as partes. De acordo com a psicanálise, há uma diferença entre o que se deseja – inconsciente – e o que se demanda – consciente, porém, há uma ilusão de controle da fecundidade através dos métodos contraceptivos. Esse falso domínio é desmascarado a partir de atos falhos – camisinha mal colocada, pílula esquecida – que culminam em “gravidezes não planejadas”. Contudo, se a fecundação ocorreu houve desejo pela gestação (Szejer e Stewart, 1997; Tachibana, Santos e Duarte, 2006).

“A maternidade, o desejo de ter ou não ter filhos, a opção pelo nascimento ou pelo aborto, o vínculo que a mulher irá estabelecer com seu bebê, tudo isso tem a ver com seus próprios desejos inconscientes” (Nascimento, 2002, p. 39). Diante da afirmação da autora somos levados a pensar nas gestações diretamente relacionadas à passagem edípica, uma vez que os desejos inconscientes e a sexualidade da mulher são decorrentes desse processo. A passagem edípica, portanto, será fundamental para a singularidade de cada um frente a seu desejo pela maternidade (Nascimento, 2002).

XVII Semana de Psicologia da UEM
IX Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em Psicologia da
UEM Saúde Mental: as Dimensões Políticas da Psicologia
24 a 27 de Outubro de 2016

A nova organização familiar que se forma com o nascimento de um filho produz sentimentos ambivalentes para os pais. Os fantasmas infantis destes serão reativados e trarão de volta o bebê que outrora foram. O bebê traz consigo a esperança de reparação dos erros passados e fará com que o conflito edípico seja revivido por seus pais (Zornig, 2010).

Embora muitos acreditem que o desejo de ser mãe é quase instintivo, há uma tênue linha que separa o desejo da gravidez do desejo de ter um filho. A gravidez pode ser apenas o desejo de experimentar o sentimento de potência e plenitude que este momento causa na mulher, enquanto o desejo de ter um filho pode estar ligado à perpetuação da espécie – desejo consciente - ou relacionado à elaboração da feminilidade, ao lugar que se destina ao filho no inconsciente dos pais (Zornig, 2010).

Devemos nos atentar também à diferença entre o desejo de ter filho e o desejo de ser mãe, visto que um não é sinônimo do outro. O desejo de ser mãe implica na capacidade de se antecipar hipoteticamente como mãe do filho desejado. Enquanto o desejo de ter filhos requer a capacidade de imaginar a criança no futuro (Szejer e Stewart, 1997).

Para Aulagnier (1975/1979) *apud* Violante (2007), o desejo de ter filhos se dá através da transmissão materna, mas somente após a dissolução do complexo de Édipo esse desejo poderá ser acessado ou não, e para que haja o acesso ao desejo a sua sexualidade infantil deve ter sido recalcada. Hornstein (1991, p. 367) *apud* Violante (2007) complementou dizendo que “o „desejo da maternidade“ é o desejo de repetir em forma especular sua relação com a mãe”. Dolto (1984) *apud* Santos (2011) trouxe à luz a ideia de que o sentimento materno é construído a partir das relações que a menina estabelece com suas referências femininas e de como sua castração afetou seu desenvolvimento emocional. (Violante, 2007; Santos, 2011).

É necessário que o bebê seja o ideal da mãe – tornando-se o ego ideal – para que haja uma narcisização adequada e ele possa vivenciar um sentimento de completude, pois no narcisismo primário o ego está identificado com o ideal e, a partir desse investimento, o sujeito poderá criar seu próprio ideal de ego. Durante a gestação o equilíbrio energético entre a libido deverá ser repensado, visto que o objeto que será investido durante esse período não será diferenciado do eu, causando, então, um sobreinvestimento narcisista de uma produção que vem acrescentar ao próprio corpo (Ferrari, Picinini e Lopes, 2006; Heck, 2007).

Qualquer ser humano pode ter seu lugar no mundo simbolicamente atribuído antes mesmo de seu nascimento através da transmissão psíquica. Além da atribuição simbólica de

XVII Semana de Psicologia da UEM
IX Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em Psicologia da
UEM Saúde Mental: as Dimensões Políticas da Psicologia
24 a 27 de Outubro de 2016

um lugar, a construção da parentalidade envolve aspectos psíquicos inconscientes transmitidos através das gerações. A transmissão psíquica pode ocorrer em duas transgeracional – entre gerações que nunca se encontrarão no tempo e no espaço e que é passada pelos ditos e não-ditos – e a intergeracional – entre gerações que coexistem no tempo e espaço e com caráter bidirecional. Ambas as possibilidades de transmissão psíquica são constituídas a partir de mecanismos de identificação (Correa, 2000; Silva, 2014).

A família possui alguns organizadores psíquicos que colaboram para a manutenção da integração do grupo. São eles: a escolha do parceiro, o eu familiar e a interfantasmatização. A escolha do parceiro diz respeito à escolha dos cônjuges que são baseadas, inconscientemente, na escolha edípica e resignificadas; o eu familiar servirá de alicerce para a organização do narcisismo de uma família e; a interfantasmatização diz respeito ao compartilhamento dos fantasmas e fantasias individuais de cada membro da família (Eiguer, 1985; Eiguer, 1995).

De acordo com Eiguer (1985), há três organizadores psíquicos – sentimento de pertença, o habitat interior e o ideal do ego coletivo – que conferem a manutenção dos vínculos e dos ideais de futuro, ao mesmo tempo em que a família e seus membros podem sentir-se pertencentes ao mesmo passado. O sentimento de pertença deriva de uma história compartilhada e uma genealogia em comum e é o que confere a sensação para os membros de uma família de que eles são pertencentes àquele grupo e que nenhum grupo fora dali o acolherá da mesma forma. O habitat é a base do reconhecimento grupal que faz com que seja possível sentir-se pertencente àquele grupo. O ideal do ego familiar, diz respeito aos projetos referentes a futuro da família e de cada um de seus membros. É importante que a família faça planos, que almeje algo a ser alcançado e que o ideal do ego familiar possa ser compartilhado sem apagar o ideal do ego individual de cada um de seus membros (Eiguer, 1985).

É importante que saibamos da história individual de cada um dos pais da criança, pois essa irá compor sua pré-história, levando em consideração que algumas fantasias da infância do sujeito são reativadas a partir do desejo de ter um filho. São as identificações constituídas na infância que irão determinar que tipo de pai/mãe cada um será, ou seja, são as identificações que darão fundamento para o exercício da parentalidade de cada um (Zornig, 2010).

XVII Semana de Psicologia da UEM
IX Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em Psicologia da
UEM Saúde Mental: as Dimensões Políticas da Psicologia
24 a 27 de Outubro de 2016

O amor parental é o retorno e a reprodução do narcisismo dos pais que procuram resgatar seu próprio narcisismo infantil que foi perdido através da colocação do filho na posição de “Sua Majestade, O Bebê” e é com a perda do objeto que o sujeito irá tomar consciência de si próprio. Essa afirmação nos permite pensar em um ego construído e modificado a partir dos “investimentos objetivos abandonados” (Freud, 1914; Perelberg, 2012).

É importante perceber que a maternidade é constituída no interior da mulher e, portanto, a forma como é vivida é singular, podendo ser sentida como uma bela transformação ou uma demolição. Isto ocorre pelo fato da maternidade ser significada a partir da bagagem emocional que a gestante carrega desde sua mais tenra infância, considerando suas experiências passadas e, principalmente, sua identificação com a própria mãe. É neste período que a mulher dá início à diferenciação de seu self materno daquele de sua mãe, ao mesmo tempo em que integra sua representação de self como mãe e como mulher (Kreutz, 2001).

O termo parentalidade assinala o processo de tornar-se pai/mãe, o que não ocorre simplesmente ao gerir ou ser designado pai/mãe. É um processo complexo que implica níveis conscientes e inconscientes e vão além do que denominamos função dos pais, pois contém também a ideia de parentesco e a história da origem do bebê e das gerações que precedem seu nascimento. É a partir da parentalidade que se estabelecem os vínculos afetivos precoces entre pais e filhos e que construirão o processo de subjetivação, ou seja, a vida psíquica do bebê (Silva, 2014).

Na adolescência, o narcisismo e suas vicissitudes sofrem um engrandecimento, devido às tendências regressivas que ocorrem nesse período. Tanto as pulsões quanto o ego tendem a regredir durante esta fase. O narcisismo na adolescência “pode ser pensado como algo que está ligado às perdas de objetos e ao ideal do ego, que passa por todo um processo de reorganização” (Nascimento, 2002, p. 63) e o ser mãe nesse período da vida pode usado para a adolescente afirmar-se também como pessoa (Nascimento, 2002; Kreutz, 2001).

METODOLOGIA

A pesquisa utilizou o método clínico-qualitativo, contando com a realização de entrevistas semi-dirigidas e confecção da Linha do Tempo Familiar (LTF). Foi utilizada uma amostra proposital e por variedade de tipos. Ao todo foram entrevistadas seis gestantes adolescentes de 13 a 18 anos, em atendimento em três diferentes Unidades Básicas de Saúde (UBSs) do município de Assis/SP.

XVII Semana de Psicologia da UEM
IX Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em Psicologia da
UEM Saúde Mental: as Dimensões Políticas da Psicologia
24 a 27 de Outubro de 2016

As entrevistas foram gravadas e transcritas, possibilitando a retirada dos fragmentos que mais se repetem e sua reunião. Serão consideradas também as exceções, se houver, expressas nas entrevistas. Os dados coletados foram analisados através da análise do discurso (Bardin, 1995), e foi utilizado o método de bricoleur, ou seja, foi produzida uma teoria própria a partir de fragmentos encontrados em campo (Turato, 2003; Bardin, 1995).

Além das entrevistas semi-dirigidas, foi utilizada a técnica da Linha do Tempo Familiar (Cervený, 1994), método que consistiu na criação, pela entrevistada, de uma linha horizontal marcada com datas importantes de sua história, iniciando pelo momento em que ela considera que sua família foi formada, e a partir delas discorrerem sobre esses acontecimentos, podendo o entrevistador intervir com perguntas. A linha deve contar com elementos de sua história até, pelo menos, os dias atuais e possibilitará ao entrevistador um maior número de informações (Cervený, 1994; Burd e Baptista, 2010).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir da análise das entrevistas semi-dirigidas e da LTF foi possível destacar algumas categorias que tiveram maior incidência na fala das entrevistadas.

Desejo da gravidez

Como pudemos perceber no levantamento bibliográfico, o desejo pela gestação não se dá de forma exclusivamente consciente e é sentido com ambivalência, porém, se houve fecundação significa que o desejo – inconsciente – existiu. Como o desejo é da ordem do inconsciente e em sempre se articula com o consciente, acontecem esses “escapes”. De acordo com Soifer (1980) *apud* Tachibana, Santos e Duarte (2006), a gravidez ocorre quando o querer e o não querer ter filhos não estão sintonizados no momento da fecundação e o desejo pela maternidade supera o terror aos filhos (Szejer e Stewart, 1997).

Na fala da maioria das entrevistadas não foi manifestado um planejamento da gestação e mesmo nas duas entrevistadas que o fizeram, este aparece como algo sem reflexão, como um destino necessário que como hora ou outra teria que acontecer e, já que aconteceria, por que não agora?

XVII Semana de Psicologia da UEM
IX Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em Psicologia da
UEM Saúde Mental: as Dimensões Políticas da Psicologia
24 a 27 de Outubro de 2016

“E: Por que que você queria um filho? D: Ah, porque sim, porque depois que eu perdi um daí eu queria ter outro já.”. (Diana, 14)

Embora as demais tenham dito não desejar a gestação, expressaram que o desejo de ser mãe sempre existiu em suas vidas e que ser mãe era como um destino pré-estabelecido.

“G: Eu sempre quis ser mãe, desde pequena. Adoro criança, eu sempre quis trabalhar também numa coisa que tenha a ver com criança. Aí eu queria ser mãe, que eu gosto bastante.”. (Gabrielle, 16)

Pudemos ver que embora Gabrielle diga que não achava que era o momento certo para gestar, o desejo pela maternidade estava intrincado nela desde muito tempo. Além disso, foi comum observar que as entrevistadas já haviam tido um contato prévio com o cuidado de crianças e que, talvez, isso tenha as levado ao desejo de estabelecer o cuidado com um filho seu, tendo maior autonomia sobre a criança.

“E: Cuidou (de criança)? E gostava de cuidar? J: Amava. Mesmo com aquele chorinho que dá vontade de chorar junto eu amava. Eu gostava.”. (Jaqueline, 17)

Outro fator que foi apostado pelas gestantes como causa da gravidez nesse período da vida foi o fato de terem começado a namorar ainda bastante novas.

“Ah, elas não namorar, assim, tão cedo. Esperar mais e fazer as coisas que elas quer” fazer primeiro, antes de ter filho.”. (Camila, 17)

Na análise da LTF pudemos perceber também que a gestação entra como algo que dá sentido à existência dessas meninas e como um período demarcador. Quando pedido para que elas pudessem pontuar momentos importantes da vida até os dias atuais, a primeira coisa que vinha a mente era a gravidez, além de ser comum a repetição da fala que nada importante havia acontecido até hoje em suas vidas. Nenhuma delas fez referência a conquistas relacionadas à escola ou profissão.

Reações geradas

As reações geradas pela gestação das adolescentes também são capazes de nos mostrar a ambivalência não só das jovens mães, mas também de todos que a cercam. Apesar da reação inicial dos familiares e da própria gestante ser, em sua maioria, de espanto, agora elas sentem-se acolhidas e relatam que todos estão felizes com a chegada de um novo membro.

XVII Semana de Psicologia da UEM
IX Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em Psicologia da
UEM Saúde Mental: as Dimensões Políticas da Psicologia
24 a 27 de Outubro de 2016

“Então, no começo ela „tava“ meio assim, né, agora ela tá... Fica beijando minha barriga, não sei que lá, “meu netinho”, fala que vai cuidar. No começo ela falava que não ia cuidar, essas coisas. Agora ela fica agradando, sabe?”. (Gisele, 16)

Os companheiros, em contrapartida, aparecem como aqueles que ficaram mais felizes com a notícia. Através das falas das entrevistadas percebe-se que estes desejavam um filho, assim nos levando a pensar no filho como uma forma de presente para o companheiro.

“E: E o Wesley, como que ele reagiu a noticia que você „tava“ grávida? C: Ele ficou feliz, assim... Demorou pra, pra „mim“ entender, mas pra ele parecia que era o que ele queria. E: Ele expressava um desejo de ser pai, de ter filho? C: Às vezes ele falava.”. (Camila, 17)

Talvez o desejo dos pais pela gestação se dê também pelo fato de todos serem mais velhos que as mães. Embora não tenham sido encontradas diferenças muito grandes, podemos pensar que o fato de as adolescentes se envolverem com homens mais velhos faça com que elas amadureçam mais cedo.

“Quando eu comecei a ficar mais adolescente eu comecei a namorar já, aí eu comecei a ficar mais séria. Que na verdade eu já namorava mais velho, então já fiquei mais... Parei de ser criança, já fui mais... Tentei né, pelo menos, parar de ser criança, né. Aí comecei a ter mais responsabilidade.”. (Jaqueline, 17)

Figuras parentais

As mães das gestantes aparecem frequentemente como modelo de mãe que elas desejam se inspirar. Adjetivos como “guerreira” e “ótima mãe” revelam os esforços a que essas mães tiveram que se submeter para criar seus filhos (Rosa e Reis, 2016).

“É. Trabalhadora, guerreira. (...) Ah, porque ela „criou eu“ e minha irmã desde que meu pai morreu, né.”. (Gisele, 16)

“Com todas as dificuldades que ela teve, que ela tem ainda até hoje, o que ela faz é pelos filhos. Tudo grande, mas é tudo os filhos. Às vezes não pensa nela, pensa nos filhos, mas não pensa nela.”. (Jaqueline, 17)

Quanto aos pais, esses aparecem de forma secundária, desprovida de afeto e de protagonismo. Esse distanciamento entre as adolescentes e seus pais pode ter

XVII Semana de Psicologia da UEM
IX Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em Psicologia da
UEM Saúde Mental: as Dimensões Políticas da Psicologia
24 a 27 de Outubro de 2016

como consequência a antecipação da busca pelo objeto amoroso fora do seio familiar. A maternidade aparece, nesse caso, como um desejo de reconstruir a tríade pai-mãe-filho (Rosa e Reis, 2016).

Planos para o futuro

Aparentemente, pensar no futuro é algo muito difícil para as adolescentes entrevistadas. Corroborando com o pensamento de Rosa e Reis (2006), no geral essas gestantes parecem organizar suas vidas em torno do presente, de forma imediatista. Essa forma de organização não compreende a escolarização e a profissionalização por essas serem baseadas no longo prazo (Rosa e Reis, 2006). O futuro parece ser algo que vai desenrolando e que depende mais do destino do que da vontade pessoal.

“O plano é ser feliz e fazer o que puder, o que conseguir. O que „nóis” conseguir, tipo, „nóis” dois fazer uma faculdade, um curso, assim, pra poder ter uma noção do que é, do que a gente quer fazer, essas coisas. O que for possível a gente fazer a gente faz.”. (Jaqueline,

17)

Maternidade

Pensando na diferença entre ter filho e ser mãe (Violante, 2007), notamos que as entrevistadas, embora expressassem um sonho para com a maternidade, de fato se referiam ao desejo de ter um filho, de ter alguém com quem possuíssem um vínculo estreitado pela condição de dependência do bebê (Violante, 2007; Dadoorian, 2003; Rosa e Reis, 2016).

“J: Eu não imagino (como mãe), assim, sei lá, acho que vou ser mãe, vou tentar ser mais... Pegar tipo um boneco, vou „tá” cuidando de um bonequinho eu acho. Não me imagino como mãe, assim, a criança „chamando eu” de mãe acho que eu nunca imaginei. E: Não? Você falou que sempre quis ser mãe, mas te chamando de mãe... J: É, essas coisas assim eu nunca imaginei. Meu sonho é ter uma menina por causa das coisinhas de colocar, eu gosto de fazer as coisas de menina, então aí meu sonho é ter uma menina só para emperiquitar ela.”.

(Jaqueline, 17)

A antecipação da maternidade parece não ser possível. Aparentemente a maternidade para as adolescentes entrevistadas será iniciada apenas no momento posterior ao parto. A única entrevistada que estava na segunda gestação pôde relatar isso de forma mais clara, demonstrando que até o momento do nascimento a maternidade ainda é algo nebuloso e incerto.

XVII Semana de Psicologia da UEM
IX Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em Psicologia da
UEM Saúde Mental: as Dimensões Políticas da Psicologia
24 a 27 de Outubro de 2016

“Quando que caiu sua ficha que você era mãe? C: Quando eu vi a Ana
Carla a primeira vez.”. (Camila, 17)

As demais, na condição de primíparas, ainda se encontram perdidas quanto ao exercício da maternidade. Ficam um pouco confusas quanto às mudanças que já ocorreram e que possivelmente ocorrerão.

“G: Bastante coisa, né. Estudo, né, vai ter que atrasar, a vida vai mudar um pouquinho né, porque não é fácil também cuidar de uma criança. E: O que que você acha que vai mudar? Pra melhor e pra pior também, nas duas coisas. G: Não acho que vai mudar tanto assim. Vai mudar um pouco, mas não tanto.”. (Gabrielle, 16)

Lugar do filho

Toda criança que nasce já nasce com um lugar pré-estabelecido no mundo. A posição ocupada por essa criança no imaginário dos pais depende de como eles experienciaram a infância, cisto que com o nascimento de um filho o narcisismo infantil é reativado. É comum que seja encontrado em mães de qualquer idade o filho como algo que as preenche, que as completa e dá sensação de plenitude.

Freud (1914) explica esse sentimento de plenitude a partir da relação feita entre o bebê e o falo. Quando a mulher está com o filho no ventre é como se agora ela estivesse com o falo. Esse sentimento de importância é reafirmado quando toda a atenção volta-se para a gestante, fazendo com que esta se sinta ainda mais poderosa (Freud, 1914; Szejer e Stewart, 1997; Silva, 2014).

“J: Um lado bom, né, da gravidez, ser mimada. E: Acha que é bom? Quando acabar isso... J: Ai, aí vai ser pra criança e não pra mim. Tragédia, gente. Falar „dá um pouco de atenção, né, gente. Não só pra criança, também sou mãe, é uma coisa nova pra mim“.”. (Jaqueline, 17)

Essa fala de Jaqueline nos leva a pensar na importância do desenvolvimento da parentalidade, pois com o nascimento da criança o esperado é que a atenção que até então era dada à mãe passe para a criança e para que a primeira consiga suportar toda essa nova experiência sem se sentir abandonada é de grande importância que haja um ambiente sustentador para a nova mãe que nasceu junto com o filho. A mãe da adolescente muitas vezes é a pessoa que irá ajuda-la nesse período, porém quando a avó assume integralmente a função de cuidado do neto, a mudança subjetiva da

XVII Semana de Psicologia da UEM
IX Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em Psicologia da
UEM Saúde Mental: as Dimensões Políticas da Psicologia
24 a 27 de Outubro de 2016

adolescente, da posição de filha para a posição de mãe, é impossibilitada (Rosa e Reis, 2016).

O filho também pode ser gerado como esperança de reparação de uma história de fracasso profissional e escolar na vida das jovens grávidas. Com o filho há a ideia de que seja possível reconstruir suas vivências infantis impedindo que eles sejam privados daquilo que elas foram anteriormente. Porém, é possível notar a falta de ideais de ego quando não conseguem pensar no caminho que devem seguir para evitar a repetição das histórias.

“D: Dele ser alguém? É... Eu pretendo, né, que ele seja alguém, estude pra se dar bem, né, na vida. Que quando ele tiver grande já ter filho, casar.”. (Diana, 14)

Além da fala de Diana, na LTF alguns filhos apareceram como forma de manter a família unida e acabar com as brigas. Uma das entrevistadas (Jaqueline, 16) colocou que no ano de 2015 havia muitas brigas entre os pais e, no ano seguinte, após a descoberta da gravidez, as brigas acabaram e a vida dela e de seus familiares mudou para melhor, denotando a esperança desse filho como salvador dos conflitos familiares.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise dos resultados pudemos notar que a gestação na adolescência deve ser vista como possibilidade e não como algo indesejado. Em algumas parcelas da população, a educação e a profissionalização são realidades distantes e, por isso, os desejos e demandas da população são norteados por outros interesses – maternidade, matrimônio etc. –, que não deixam de ser dignos de compreensão.

Além disso, a ambivalência em relação à gestação nos dá maior clareza acerca da não articulação entre desejo e demanda. É importante compreender que não é porque uma gravidez não foi planejada que ela é indesejada. O inconsciente sempre encontrará uma maneira de expressão e no caso da gestação, o planejamento se deu no nível inconsciente quando as adolescentes deixaram de usar dos métodos contraceptivos, ou seja, por meio de *acting outs*. Devemos pensar também, que a gravidez não planejada não se restringe apenas as adolescentes, podendo ocorrer em qualquer faixa etária.

Portanto, fica claro para nós que as críticas acerca da gestação na adolescência são baseadas maioritariamente em preconceitos raciais e sociais, visto que a maioria das adolescentes que engravidam provém de uma classe financeiramente desfavorecida. Essas adolescentes já têm seus sonhos cerceados todos os dias e não precisam que mais essa autonomia lhes seja tirada.

XVII Semana de Psicologia da UEM
IX Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em Psicologia da
UEM Saúde Mental: as Dimensões Políticas da Psicologia
24 a 27 de Outubro de 2016

Contudo, é necessário que as políticas públicas revejam seus programas de “prevenção” à gravidez e DSTs deem a eles outra roupagem. É fundamental que comecem a considerar a existência de fatores subjetivos, além dos sociais, culturais e históricos e enxerguem que não basta que ensinemos nossas meninas com a utilização de anticoncepcional e falemos da importância dos preservativos sabendo que o desejo e a demanda estão muito além da razão e dos planejamentos externos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABERASTURY, A.; KNOBEL, M. **Adolescência normal**: um enfoque psicanalítico. Porto Alegre: Artmed, 1981.
- ALBUQUERQUE-SOUZA, A. X.; NÓBREGA, S. M.; COUTINHO, M. P. L. Representações sociais de adolescentes grávidas sobre a gravidez na adolescência. **Psicologia e Sociedade**, 2012, v. 24, n.3, p. 588-596.
- ALVES, C. A.; BRANDÃO, E. R. Vulnerabilidades no uso de métodos contraceptivos entre adolescentes e jovens: interseções entre políticas públicas e atenção à saúde. **Ciências Saúde Coletiva**. Rio de Janeiro, abr. 2009, v. 14, n. 2, p. 661 - 670.
- AQUINO, E. M. L.; HEILBORN, M. L.; KNAUTH, D. R.; BOZON, M.; ALMEIDA, M. C. C.; ARAUJO, M. J.; MENEZES, G. M. S. Adolescência e reprodução no Brasil: a heterogeneidade dos perfis sociais. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, 2003, v. 19, p. 377-388.
- CALLIGARIS, C. **A adolescência**. São Paulo: Publifolha, 2000.
- CORREA, O. B. R. **O legado familiar**: a tecelagem grupal da transmissão psíquica. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2000.
- DADOORIAN, D. Gravidez na adolescência: um novo olhar. **Psicologia**: ciência e profissão. Brasília, mar. 2003, v. 23, n. 1, p. 84-91.
- DIAS, A.C.; TEIXEIRA, M.A. Gravidez na adolescência: um olhar sobre um fenômeno complexo. **Paidéia**, 2010, v. 45, n. 20, p. 123-131.
- EIGUER, A. **Um divã para a família**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.
- EIGUER, A. Para introduzir o conceito de organizador. In _____ **O parentesco fantasmático**: transferência e contratransferência em terapia familiar psicanalítica. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1995.
- FALCÃO, D. V. S.; SALOMÃO, N. M. R. Mães adolescentes de baixa renda: um estudo sobre as relações familiares. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**. Rio de Janeiro, dez. 2006, v. 58, n. 2, p. 11-23.
- FERRARI, A. G.; PICININI, C. A.; LOPES, R. S. O narcisismo no contexto da maternidade: algumas evidências empíricas. **Psico**. Porto Alegre, ser/dez. 2006, v. 37, n. 3, p. 271-278.
- FERREIRA, R. A.; FERRIANI, M. G. C.; MELLO, D. F.; CARVALHO, I. P.; CANO, M. A.; OLIVEIRA, L. A. Análise espacial da vulnerabilidade social da gravidez na adolescência. **Caderno Saúde Pública**. Rio de Janeiro, fev. 2012, p. 313-323.
- FREUD, S. (1931) Sexualidade Feminina. In: _____ **Edição Standard Brasileira das obras completas**, v. 21, Rio de Janeiro: Imago, 1976.

XVII Semana de Psicologia da UEM
IX Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em Psicologia da
UEM Saúde Mental: as Dimensões Políticas da Psicologia
24 a 27 de Outubro de 2016

- FREUD, S. Sobre o narcisismo: uma introdução, 1914. In: _____. **A história do movimento psicanalítico**. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 75-109. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 14).
- FRIZZO, G. B.; KAHL, M. L. F.; OLIVEIRA, E. A. F. Aspectos psicológicos da gravidez na adolescência. **Psico**. Porto Alegre, PUCRGS, jan/abr. 2005, v. 36, n. 1, p. 13-20.
- GAMA, S. G. N.; SZWARCOWALD, C. L.; LEAL, M. C. Experiência de gravidez na adolescência, fatores associados e resultados perinatais entre puérperas de baixa renda. **Cadernos de Saúde Pública**, 2002, v. 18, p. 153-161.
- HECK, G. S. **O olhar materno**: um enfoque no narcisismo. Núcleo de estudos Sigmund Freud. Formação em psicanálise. Porto Alegre, jul. 2007.
- KREUTZ, C. M. A experiência da maternidade e a interação mãe-bebê em mães adolescentes e adultas. Rio Grande do Sul: Universidade Federal do Rio Grande do Sul – **Instituto de Psicologia**, 2001. Dissertação (Mestrado em psicologia). Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Instituto de Psicologia, 2001.
- LEVANDOWSKI, D. C. Mamãe, acho que estou... ligeiramente grávida: uma reflexão sobre a gravidez na adolescência. In: WAGNER, A. **Desafios psicossociais da família contemporânea**: pesquisas e reflexões. Porto Alegre, Artmed, 2011, p. 123-135.
- LEVISKY, D. L. **Adolescência**: reflexões psicanalíticas. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998.
- NASCIMENTO, E. M. V. **Maternidade, desejo e gravidez na adolescência**. Salvador: EDUFBA, 2002.
- PERELBERG, R. J. Sobre o narcisismo. In: PERELBERG, R. J. [et. al.] **Freud**: Uma leitura atual. Porto Alegre: Artmed, 2012, p. 76 – 93.
- QUEIROZ, A. B. A.; RANGEL, D. L. A representação social das adolescentes sobre a gravidez nessa etapa de vida. **Revista Enfermagem Escola Anna Nery**, 2008, v. 12, n.4, p. 78-88.
- ROSA, A. J.; REIS, A. O. A. Maternidades sucessivas na adolescência: do destino ao desejo. In: SALGADO, R. G.; MARIANO, C. L. S.; SOUZA, L. L (org). **Gênero, sexualidade, diversidade e educação**. Cuiabá: EdUFTM, 2016.
- SANTOS, K. D. Um estudo psicanalítico sobre a maternidade na adolescência: histórias de abandono, violência e esperança na trajetória de três jovens mães. São Paulo: Universidade de São Paulo – **Instituto de Psicologia**, 2011. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Universidade de São Paulo – Instituto de Psicologia, 2011.
- SILVA, M. C. P. **A construção da parentalidade em mães adolescentes**: um modelo de intervenção e prevenção. São Paulo: Escuta, 2014.
- SCHOEN-FERREIRA, T. H.; AZNAR-FARIAS, M. & SILVARES, E. F. M. Adolescência através dos séculos. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**. São Paulo, 2010, v. 26, n. 2, p. 227-234.
- SERRA, E. Adolescência: perspectiva evolutiva. In: **Anais do VII Congresso INFAD**, Espanha, 1997, p. 24-28
- SZEJER, M. & STWARD, R. **Nove meses na vida de uma mulher**: uma abordagem psicanalítica da gravidez e do nascimento. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.
- TACHIBANA, M.; SANTOS, L. P.; DUARTE, C. A. M. O conflito entre o consciente e o inconsciente na gravidez não planejada. **Psychê**. São Paulo, set-dez 2006, ano 10, n. 19, p. 149-167.
- VIOLANTE, M. L. V. Desejo de ter filhos ou desejo de maternidade ou paternidade? **Jornal de Psicanálise**. São Paulo, jun. 2007, v. 40, n. 72, p. 153-164.
- ZORNIG, S. M. A. Tornar-se pai, tornar-se mãe: o processo de construção da parentalidade. **Tempo Psicanalítico**. Rio de Janeiro, 2010, v. 42, n.2, p. 453-470.